

## Ficha de Entrevistas

### INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

#### Nome ou Apelido

Hodilon Antônio Citino Raposo, Hilton Have (nome artístico)

#### Quem é?

Hodilon Antônio Citino Raposo, nascido em 1948, conhecido publicamente pelo nome artístico Hilton Have é ator, diretor e dramaturgo consagrado, especialmente na cena paulista. Com mais de 60 anos de carreira, já participou de novelas, como Arapongas e inúmeras peças teatrais, como Desligue o Projetor e Espie Pelo Olho Mágico, sendo o autor e atuando nela. Em atuação até hoje, sempre busca incorporar questões envolvendo sexualidade e gênero na construção das personagens.

#### Responsáveis Pelo Entrevista

Jaime Solares, acervo Repep, 22 junho de 2017.

### TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Hilton Have: Você tem como depois você por seu número para a gente se adaptar... mandar WhatsApp, assim?

Jaime: Sim.

HH: Eu posso mandar isso para você, mas você precisa disso para fazer, você... a entrevista é vídeo? Como é que é?

J: A gente tá gravando agora só e vamos tirar umas fotos.

João: A gente vai conversar um pouquinho.

J: Então, a gente está fazendo essa pesquisa sobre a região e tal e aí eu queria saber se você sempre morou por aqui.

Davi: Sempre morou em [inaudível].

HH: Não, eu nasci em [inaudível]

J: Onde?

HH: Nasci na Lapa. Mas eu morei aqui na São João, em cima do Comodoro. Depois eu morei... na Alameda Eduardo Prado, não é mais do tempo... perto do Minhocão. Ali, Eduardo Prado e na Marechal Deodoro, depois eu fui lá para... aquela no Cambuci, na Rua do Lavapés e depois vim para cá.

J: Você mora no centro há quanto tempo?

HH: Há muitos anos, ao todo... é uns 20 anos, que entre uma casa e outra a soma de tudo uns 20 anos.

J: Você sempre foi ator?

HH: Sim, 60 anos de carreira.

J: Você começou como?

HH: Comecei na Televisão Tupi, em 1956. Deixa eu mostrar para você e você escreve na entrevista ((pega troféu)). Olha, esse aqui é meu primeiro troféu. Ele [Davi] que deu, o Charles Chaplin, aqueles dois Charles Chaplin, tinha três, mas um na viagem roubaram. A Fernanda recebeu, a [Palavra] Cardoso também ganhou. Aqui tem a data, está vendo? [19]56, não fala?

J: Então você começou já na televisão?

HH: É.

J: Mas sempre fez teatro...

HH: Aqui não fala a data?

J: [19]56.

HH: Então, são 60 anos de carreira no ano passado, de carreira.

J: Nossa. Você sempre foi da televisão, mas você sempre trabalhava em teatro?

HH: Não, eu fiz na televisão de 56 a 60 na Tupi. Aí eu fiquei com 18 anos, 18 anos a idade militar, não arrumo emprego... mandaram embora... aquelas coisas. Aí para mim sobreviver eu comecei cantar, um ano cantei, eu detesto cantar, mas cantei um ano que precisava para sobreviver, no programa do Júlio Rosemberg, que chamava Carrossel dos Bairros, cada domingo no cinema a gente ia, lá conheci muita gente, conheci ah... Jair Rodrigues, George Freedman, conheci Petrônio, o cantor Petrônio, que até já faleceu. Maria [incompreensível], conheci muita gente, né? Maria... Que tudo cantava, todo domingo, a gente cantava junto. Em cada domingo em um cinema diferente, durante um ano. Aí eu fiz a Escola de Arte Dramática, isso em... 1970..., terminei a escola. Aí a primeira peça de teatro que eu fiz foi essa ((pega algo)) "O Rio de Janeiro - Verso Reverso". Minha primeira peça, ainda na escola.

J: Então na verdade você começou atuar antes de fazer...

HH: Teatro.

J: Essa escola...

HH: Ah antes. 12 anos eu tinha de carreira, eu entrei na escola de 68, comecei a carreira em 56, eu tinha 12 anos de carreira, quando eu entrei na escola.

J: Nossa, consolidado.

HH: Porque eu queria fazer teatro. Era... naquela época era difícil as pessoas fazerem teatro, pouca gente fazia. E eu queria fazer teatro, achava que era mais conceituado quem fazia teatro. Então, eu queria fazer teatro, eu fiz a escola, junto comigo fez Ney Latorraca... Paulo [inaudível], são da mesma época, Ney Latorraca, Paulo Reis, Esther Góes, quem mais...? Kito Junqueira... Tudo da mesma safra.

J: Quais teatros que você se apresentava aqui em São Paulo?

HH: E eu comecei a carreira no Teatro Paiol, mas eu posso te dizer que eu trabalhei, eu acho, em todos teatros aqui em São Paulo, todos, porque eu nunca parei de trabalhar. Trabalhei no TBC, trabalhei no Hilton, trabalhei onde...? Em todos...

João: No Oficina também?

HH: Oficina, com o Rofran Fernandes que fizemos uma peça aí da Hilda Hilst chamada O Verdugo, foi no Teatro Oficina, todos os teatros em São Paulo, praticamente todos. Clandestino... nunca parei de trabalhar, nenhum dia, quem é pobre não para de trabalhar, porque quando você é ator contratado dos outros, quando acaba a peça você fica desempregado, mas a gente para sobreviver dessa profissão, tem que produzir. Negócio é: terminou a peça, a outra já está para ensaiar, para estrear, está ensaiando para estrear. Porque quem paga as contas? Aluguel, água, luz, telefone... Quem paga? Se o patrão manda embora, você fica sem emprego. Então, para sobreviver nesta profissão tem que produzir ((batidas de ênfase)), senão não dá certo, está no lugar errado.

J: Como é que você conheceu o Davi? Como é que foi?

HH: Eu conheci o Davi há mais de quarenta anos. Ele quando veio do interior começou a fazer cinema, eu também fazia cinema, era ator. Aqui tem um filme meu ((aponta e pega algo)). Oh, esse sou eu, "Pura Como um Anjo", fazia galã.

J: 'Será Virgem?'

HH: "Pura Como um Anjo, Será... Virgem?", era o título do filme.

J: Quem é que produziu esse filme?

HH: É o Raffaele Rossi, quem dirigiu e produziu. Aqui tem a Zaira Bueno... Agenor... nossa, tem tanta gente... ((guarda de volta))

J: O Davi comentou que ele trabalhou muito boate...

HH: É... trabalhou muito em boate.

J: ...em sala. Você já se apresentou em boate também?

HH: Já. Trabalhei, me apresentei em uma boate aqui em São Paulo chamada... Homo Sapiens, já ouvi falar?

J: Sei, já.

HH: É na Rua Marquês de Itu, agora não tem mais a boate, a casa existe ainda, mas com outro nome, né? Não é mais Homo Sapiens, mas existe a casa. É na Rua Marquês de Itu.

J: Você chegou a frequentar o Nostro Mondo também? Medieval...?

HH: Eu conhecia o Nostro Mondo, eu recebi um daqueles Charles Chaplin, que o Davi me deu, foi de lá, que tinha ((pega troféu)) Um desses daqui foi o Davi me deu lá, eu não sei qual dos dois, mas um deles eu recebi lá no Nostro Mondo, pela Gaiola das Loucas, que eu fiz com o Jorge Dória.

J: Você costumava se apresentar como, quando você se apresentava? Era um... esquete, era um...?

HH: Não, eu escrevia umas histórias chamada "Amizade Colorida". A história era, eu que escrevia as histórias, né? Tem nove histórias, fez bastante sucesso, imagina numa boate, a gente ficar dois anos, em boate. Mas eu mudava essa história, ficava 3 meses com a história, aí mudava para outra. Mas era assim, era um seriado. Então tinha uma bicha branca, que era eu, isso aqui "Amizade Colorida" ((mostra algo)). Uma bicha branca que, sou eu, e a bicha preta, a branca é casada com dois maridos, esse e aquele ((aponta)) e sempre vem, é... personagens, essa história era história de natal, era a quinta história, uma de história de Natal. Era noite de Natal, a mãe chega, a mãe é surda, cria problema, aquelas coisas. Mãe deles, dos meninos, minha sogra na história, que são dois meninos que são meus maridos, mas são irmãos de verdade, filhos da mesma mãe e do mesmo pai.

João: Você pegava dois irmãos da peça, então?

J: Não foi um escândalo?

HH: Para a época, sim. Eles eram dois irmãos, filhos da mesma mãe no mesmo pai e moravam com a bicha branca e a preta [morava] em cima e a gente fazia confusão, a branca com a preta, baseado... você assistia algum seriado americano baseado em umas historinha que tem americana chamada "I love Lucy"?

J: Não, mas eu já ouvi falar.

HH: Lucille Ball... elas fazem confusão no prédio, então a gente fazia a mesma confusão que elas. Cada vez é uma coisa, uma vez falta gás, aí a gente fez história de Natal, cada vez era uma história, um enredo, mas os personagens sempre os mesmos. Quatro deles são sempre os mesmos, que a bicha branca, os dois marido e a bicha preta.

J: Você que fez toda a história e também atuava?

HH: Atuava, fazia a branca. A preta, aqui em São Paulo, a [inaudível] que fez, irmão da Neusa Borges, mas no rio precisava de uma preta para fazer, não tinha e eu descobri, lancei Jorge Lafond, sabe quem é?

J: Ah, sei.

HH: Aquele que vocês viram...

J: Fazia a Vera Verão.

HH: A Vera Verão, deixa eu ver se tem a gente aqui, da época que a gente fazia teatro (procura), antes, aqui ((pega algo)). Aqui, a preta e a branca.

J: Então, foi para essa peça que você conheceu Jorge Lafond?

HH: Não, eu montei no Rio, fui para o Rio fazer uma peça com o Clodovil, esta aqui ((mostra)), chamada “Seda Pura e Alfinetadas”, nós fomos fazer no Rio e ai lá o povo gostou, fez um sucesso louco e pediram ‘vamos montar alguma coisa’ e eu falei ‘vamos montar alguma coisa, vamos montar Amizade Colorida’, ai montei essa que já tinha montado em São Paulo, aí a bicha preta, a preta daqui não podia ir para lá, ela era funcionário público. Não podia ir. Então, a gente precisava de uma pessoa lá, aí o Marinho, Henrique Marinho, falou ‘você tem que encontrar uma que chama é...’ não sabia o nome dela, ‘ela trabalha no “Viva o Gordo”, que essa bicha era do “Viva o Gordo”, figurante. A gente estava fazendo uma peça com o pessoal do “Viva o Gordo” e eu fui lá pegar o pessoal para indicar a gente para ensaiar, ela passou, que ela estava trabalhando lá, aí eu falei ‘ai vem aqui, vem aqui, você já fez teatro?’ ‘não, mas adoraria’, aí eu falei assim para ela ‘eu vou fazer uma peça e eu preciso de uma pessoa que nem você’, eu falei para ela, ‘vou te dar meu telefone’, aí dei telefone e falei assim para ela ‘meu nome é Hilton Have’ ela falou ‘eu sei quem você é’, ela já me conhecia, tadinha, ‘eu sei que você é’, eu falei ‘então, tá bom’. Aí quando montei a peça, eu chamei ela, lancei, nessa peça lancei Eri Johnson, sabe quem é? Eri Johnson nessa história, essa bicha preta, a Marlene Silva, vocês conhecem a Marlene Silva? Se eu entrar aqui, vocês logo vão saber quem é, ela fazia o “Viva o Gordo”, mas nunca tinha feito teatro, a Marlene Silva, quem mais lancei nessa peça? Ah, Raul Gazolla, sabe quem é?

J: Não.

HH: Raul Gazolla é um que a Daniela Perez era a mulher dele, mataram. Matar a mulher dele, é a mãe dela é a autora de novela, não sei o que Perez, acho que essa novela que está no ar agora é dela...

J: Então, ai você nessa peça foi lançando um monte de atores, mas você já chegou a fazer transformismo?...

HH: Não, não, não. Eu nunca fiz, eu sempre fiz teatro, fiz escola, sou acadêmico. Eu não sei...

J: Dá para fazer qualquer papel, na verdade.

HH: Eu não sei improvisar, assim sozinho. Clodovil, por exemplo, tinha o dom da palavra, ele improvisava, falava coisas da cabeça dele. Eu nunca tive esse dom, eu falo que eu decoro, sempre foi assim, eu estudo, eu estudei para teatro.

J: Por isso você escreveu a peça também.

HH: Ah, lógico.

J: Como é que era a polícia na época?

HH: A gente passou por grandes problemas na época da Ditadura, na Ditadura a gente passou por grandes problemas, eles entravam no teatro, vinham armados, né? Muitos [inaudível], tinha não só eles, mas tinha um grupo também chamado CCC, Comando Contra Comunistas, eles me davam tiro, você está fazendo a peça eles davam tiro, era um horror, deus me livre, posso nem imaginar aquela época.

J: Como é que está hoje em dia? Ou seja, além da questão da polícia que não existe, mas quem é o público que vai te ver hoje?

HH: Olha, é variado, muito muito muito variado, entendeu? Porque mudou muito e também mudou muito, a gente fazia as sessões de terça a domingo. Olha a Marlene Silva é essa, vê se vocês conhecem. ((breve conversa sobre Marlene Silva)).

J: Você se apresenta onde hoje em dia?

HH: Eu, agora vou fazer quinta, dia 5, vou fazer no Teatro Bibi Ferreira, mas eu não estou em cartaz, estava no teatro... ai... Ruth Escobar, desculpa a minha cabeça, estava no Teatro Ruth Escobar até dezembro do ano passado com essa peça, é outras meninas diferentes desses, só eu do elenco, o resto é outros meninos.

((silêncio))

J: Que você percebe que mudou na região, já que você morou 30 anos aqui no centro?

HH: Do que você fala? Olha o Raul Gazolla é esse menino, talvez vocês conhecem?

J: Ah, conheço.

HH: Também lancei junto com o Eri Jhonson, tudo na mesma peça.

J: Digo... pessoal que mora aqui, não sei se...

HH: Vocês conhecem? Ele foi casado com uma menina chamada Daniela Perez, que é filha de uma autora de novela, não sei o que Perez.

J: A Gloria Perez.

HH: Glória Perez, filha dessa aí e ela foi assassinada pelo menino que trabalhava na novela, com tesourada. A filha dela, ela era atriz, trabalhava na novela, essa Daniela, e ele também era o galã da novela, ele era casado e a mulher dele tava com ciúmes dessa menina e mataram a menina, você acredita? Mataram a menina. Ficaram preso tudo, mas aqui no Brasil fica preso cinco ou seis anos, depois solta. Está saindo aquele goleiro, você viu? Matou a mulher e não tem cinco anos que ele foi preso, não tem cinco já estão soltando.

J: Mas vai voltar agora, vai voltar agora.

HH: Parece que vai.

J: Tomara.

HH: Mas vai voltar, sabe? Porque as pessoas reclamaram muito, a maioria das pessoas, mas se fosse uma pessoa anônima teria saído normalmente, ninguém nem ia falar nada, eu acho a nossa Justiça muito falha. E quem mata uma pessoa não pode ser assim, né? Não pode ser tratado que nem um santo.

((silêncio))

J: Ou seja, a gente tá querendo ver como é que mudou o tipo de pessoa que mora aqui na região. Que lugares elas frequentam...

HH: Não mudou muita coisa, devido a política também mudou, por exemplo, só um um exemplo em milhares que existem, o governo abriu as portas para os haitianos, dá dinheiro para eles, vocês sabem disso? Eles vêm para o Brasil ganham dinheiro, eles são subvencionados, eles têm dinheiro, lugar para morar, lugar para comer, ganha um dinheiro... Eu acho isso errado, porque os brasileiros estão dormindo na rua, o brasileiro. Gente que podia tá trabalhando que não está, para dar pros haitianos, nada contra as pessoas, não conheço ninguém, para mim tanto faz um ao outro, mas acho errado. A gente pode falar 'ah, mas isso foi o governo anterior que fez, abriu para eles entrar', então aqui no Brasil, aqui do lado da casa da gente tem que pensionato de haitiano de monte, de monte, de monte, muito haitiano, que não existia, então é uma coisa nova.

J: Tem muito também angolano e nigeriano.

HH: É, mas haitiano é demais. É demais, é muito muito muito. Então lava também eu demorei lá para o lado do Cambuci também tem muito, ali para aquele lado, muito. Tem uma igreja que quando eles vêm, já vão para aquela igreja que é lá nesse lugar.

J: Já se encontram.

HH: Já se encontram nesse lugar, então tá demais isso, porque eles recebem dinheiro, então, para eles a vantagem de vir de lá de onde eles passam fome e aqui eles ganham dinheiro ainda, tem lugar para morar, para comer e ainda ganha dinheiro, vem com família, então é fácil aqui. Para dog, dá sossego para o menino ((breve conversa sobre o cachorro)).

J: O Davi comentou que aqui era um prédio de artistas?

HH: Aqui são 50 artistas que moram. Aqui é um movimento que eu criei, eu criei esse movimento uma coisa assim de uns 15 ou 18 anos atrás, a gente andou entrando em prédios que estavam desocupados, para poder chamar atenção do governo para fazer moradia.

J: 'A gente' artistas?

HH: Não, eu fazia parte de movimento. 'Sem Teto' que chama. Mas aí quando a gente entrou, logo depois, uns dois ou três anos depois, a gente já ganhou um lugar para morar, mas eu sempre tive cachorro e eu não podia morar com aquelas pessoas, porque não é um apartamento para cada um. Divide com barraco como com madeira, e esse cachorro mata as pessoas, ele come... criança, come qualquer um, ele mata, ele é muito mal. Então eu nunca nunca pude ir morar assim com eles, meu primo também [não podia] e ele pediu para ficar num hotel. Tanto que quando ele morreu ele morreu num hotel, pago pela prefeitura, aqui na rua pertinho daqui, da gente. E era a prefeitura que pagava e eu é que não quis ficar nesse lugar, aí fiquei lutando, mas eu percebi, eu percebi que eu jamais ((ênfase)) ficaria com essas pessoas em qualquer lugar, porque o nível de intelecto da gente é completamente diferente do nível de interativo de quem é rua, não sei se você me entende. Não tem diálogo. Então, eu criei, junto com esse meu primo que morreu e uma menina que é viva ainda, chama Ray Moura, mas não mora aqui, ela mora numa outra ocupação, nós três criamos um movimento com os artistas, que eu descobri esse movimento de moradia para artistas com mais de 60 anos tem em Portugal, na Espanha, na Itália, na França, na Alemanha... Então eu pressionei para a gente tem aqui e a primeira pessoa que abriu as portas pra gente, que a gente entrou e registrou o movimento, foi uma prefeita que tinha em São Paulo, que vocês acham que nem lembram dela, chamada Luiza Erundina. Conheceram? Então, foi ela que abriu as fotos pra gente, a gente entrou com o movimento, registrou tudo e ficou já acertado que existia esse movimento. Aí quando ela saiu veio a Marta Suplicy, ela não queria o movimento, ela não quis continuar, mas a gente conversou com o marido dela, na época era Eduardo Suplicy, e ele adorou a ideia e levou a gente para mim falar com ela na prefeitura, nós somos falar com ela, acompanhadas dele e aí ela abraçou a ideia e continuou o movimento. Aí solidificou, porque depois ela saiu entrou [Gilberto] Kassab, quem deu o dinheiro para isso aqui virar o que é hoje, foi o Kassab, quem deu o dinheiro, aqui era um hotel, Hotel Cineasta que chamava.

J: Hoje como é que chama?

HH: Palacete dos Artistas. Era um hotel chamado Hotel Cineasta, inclusive, quem se hospedou aqui, eu vi Ava Gardner, eu vi aquele do "O Vento Levou", Clark Gable, vi pessoalmente aqui, isso quando eu era moleque, minha tia tinha uma loja bem em frente, então a gente vendia coisa de carnaval, né? Eu vi Ava Gardner e Clark Gable aqui. Então, aqui era o Hotel Cineasta, aí ele que deu dinheiro para fazer a obra, aí a obra tinha uma um prazo para ser entregue, coisa do governo você não pode fazer e não entregar, tem um prazo para entregar. Aí tava no prazo e tinha que entregar, ele estava saindo da prefeitura, entrou esse que saiu...

J: O Haddad.

HH: O Haddad, aí ele foi obrigado a entregar, mas quem deu o dinheiro e construiu tudo foi o anterior, o Kassab.

J: Mas vem vindo na verdade desde a Erundina.

HH: Desde a Erundina.

J: Como é que chama esse movimento de artista?

HH: É um movimento que a gente que fez, da gente mesmo, não tem nada a ver com o sindicato dos artistas, que as pessoas falam 'ah, o sindicato que apoia', não tem nada a ver com o sindicato, é a parte, a gente tem tudo registrado em cartório, tudo.

J: Esse apartamento é teu?

HH: Aqui é meu.

J: E isso aconteceu, que você falou, no governo Haddad?

HH: É, não, quem entregou foi o Haddad, que entregou porque era obrigado a entregar, mas quem deu o dinheiro foi Kassab. Eu estou aqui há dois, eu entrei aqui dois dias antes do Natal de 14, 2014. [20]15 fez um ano, [20]16 dois anos e agora no natal desse, [20]17, vai fazer 3 anos, que eu to aqui.

J: Como é que é a convivência?

HH: Aqui? Não vejo ninguém.

J: Você não vê ninguém?

HH: Não, não vejo ninguém, não. Só quando tem reunião que a gente se encontra, mas eu trabalhei com praticamente o prédio inteiro aqui, na minha carreira. Trabalhei com a Vic Militello, trabalhei com tanta gente, Fernando Bezerra, a [Sérgio] Bright, a Evelin, que mora em cima do meu, praticamente o prédio inteiro, tenho muitos anos de carreira, fiz muito, nunca parei de trabalhar, então, também tem muita gente.

J: Tem gente de todas as idades? Artistas de todas as idade?

HH: Não, é mais de 60 anos todos. Tem algumas obrigatoriedade para estar aqui, tem que ter mais de 60 anos, tem que estar trabalhando, aqui não é para 'Retiro dos Artistas', não é o 'Retiro dos Artistas', aqui é pra quem ainda está trabalhando, porque quando você tem mais de 60 anos, o trabalho diminui, não tem trabalho como tinha quando você é mais novo. Você tem 30 ou 40 anos você tem milhões de papel, tem vários papéis para apresentar, mas com 60 e poucos anos são poucos papéis, diminuiu o trabalho. Então, você tá mais desempregado que empregado. Então, quando você está desempregado, como é que você paga aluguel? E sobrevive e come e paga tudo? Então, precisava ter uma coisa assim para quem ainda trabalha e que não tem moradia.

J: E quando vocês pararem de trabalhar, vocês vão ter que sair?

HH: Não, aqui é vitalício. Agora a gente está pleiteando criar outros espaços.

J: Onde? Que espaços vocês estão pleiteando?

HH: Ah, por enquanto tem um tipo de movimento aí, na Praça da República, que esse pessoal se organiza para fazer novos espaços. Porque, também para a prefeitura é interessante que revitalize o Centro e sai essa mendicância que tá aí, entendeu? Tem muito lugar que tem sem teto, que entra e invade, então para a prefeitura é vantagem que seja pessoas mais decentes que morem aqui.

J: Você acha que a região ela está mais segura do que antes?

HH: Não sei, acho que com o passar dos anos tudo foi ficando mais inseguro, tudo. Eu andava antigamente... fui uma vez, nunca me esqueço disso, fui fazer um show no Clube Homs, na Avenida Paulista, um clube de árabe, era época que eu estava cantando, tinha meus 18 anos, eu ainda cantava, eu fui fazer um show de música lá no Clube Homs. Pagaram em cash, em dinheiro, estava uma noite de Lua cheia, nunca me esqueço disso,

era a Avenida Paulista, eu morava na Lapa, eu não peguei condução, nem táxi, nem nada, fui a pé para minha casa, com relógio de ouro, bolso cheio de dinheiro. Ninguém falava 'me dá o seu relógio', 'me dá seu dinheiro', não existia, isso mudou, mas em todo lugar, mudou muito.

J: Vocês querem perguntar alguma coisa?

João: Não, acho que você já falou.

J: Eu acho que...

HH: Mas o que vocês tiverem na cabecinha de vocês e quiserem me perguntar, vocês têm meu telefone, pergunta eu respondo por telefone, sem o menor problema.

J: Tá bom, deixa só eu pegar alguns dados seus que eu não tenho.

HH: Uhum.

J: A gente não sabia que ia vim na verdade, Davi deu essa surpresa para a gente, foi ótimo. Teu nome é Hodilon, né?

HH: Meu verdadeiro é.

J: 'Hodilon' o que?

HH: Antônio...

João: Posso tirar umas fotos daqui?

HH: Pode, pode... Antônio, agora o sobrenome é C de cebola, I de Irineu, T de tatu, I de Irineu de novo, N de navio, O de Otávio.

J: Citino.

HH: Citino, agora tem mais um nome, Raposo, com s. Hodilon Antônio Citino Raposo.

J: É italiano?

HH: É, 'citino', e depois Raposo?

J: Botei, é Raposo?

HH: Raposo, esse é de português.

J: Quantos anos você tem?

HH: Eu tenho 72. De carreira 60, de carreira.

J: Você começou com 12 anos.

HH: É, comecei com 11, na verdade, comecei em [19]56, agora.

J: E já ganhou um prêmio.

HH: É, logo no comecinho eu ganhei esse troféu. Então, isso é porque, eu acho hoje em dia, pensando, a gente era criança, nem imagina, hoje eu fico pensando ou é porque estava decidido já por Deus ou tinha que ser.

J: Isso é incrível, você nasceu em São Paulo?

HH: Nasci em São Paulo, aqui na na Santa Cecília, Maternidade Santa Cecília, Avenida São João também.

J: Você sempre mora aqui, né?

HH: Sempre. Mas morei no Rio também.

J: Quanto tempo?

HH: Eu morei uns 10 anos no Rio.

J: Que idade você tinha?

HH: Que eu fui para o Rio... [19]83, nasci em [19]45, aí [19]65, [19]75, [19]85, tinha 28 anos [A conta está errada, na verdade ele tinha 38 anos].

J: Por que você foi para lá?

HH: Eu fui fazer uma peça, essa aqui oh ((mostra)) "Desligue o Projetor e Espie pelo Olho Mágico", a de cima é a mesma, "Desligue o Projetor e Espie pelo Olho Mágico", uma comédia deliciosas e fui pra lá fazer no teatro da Clara Nunes. Aí quando eu terminei a

temporada, me chamaram pra fazer essa aqui, que eu tinha acabado de fazer com o Clodovil, essa peça que eu estou de noiva ((mostra)), é vestido, a roupa dele, ele que confeccionou essa roupa. Essa daí é do Clodovil. Eu tenho se você quiser e tiver interesse, eu tenho fotos disso, deixa eu ver se eu acho aqui ((procura)), a Lilia Cabral fazia a peça, ela estava começando a carreira. Eu fiz agora, vai aparecer na TV Cultura, um depoimento que eu dei para ela, ela fez um programa que chama-se "Persona em Foco", já ouviu esse programa? Pela TV Cultura, é um artista que fala da vida dele, eu fiz pro Juca de Oliveira, eu dei uma entrevista para o Juca e me chamaram aqui, dei uma entrevista para Lilian Cabral que vai passar em agosto.

J: Na Cultura.

HH: Na Cultura. Deixa eu ver se acho aqui para você, eu te dou uma foto e você vê essa foto deve ter....

J: Eu vou conversar com você, então porque eu quero ver.

HH: Olha a foto, olha que linda, nós todos, o elenco todo, a Lilian Cabral, olha que linda, essa aqui é a Lilia, eu, o Bruno, o Clodovil, Márcia Real e Isadora de Faria. Eu te dou a foto, eu mando para você no zap.

[...]

J: Olha como profissão, eu vou colocar ator mesmo.

HH: Eu sou ator de profissão mesmo.

J: É ator, autor, figurinista, já fez figurino?

HH: Não (...) Eu sou ator, de profissão mesmo eu sou ator, autor, que escrevo, tenho muitas peças, e sou diretor, que é minha função no sindicato, eu sou registrado como ator e diretor.

J: Entendi.

((silêncio))

J: O João, tira uma foto do Hodilon. A gente pode tirar uma foto sua para colocar?

HH: Claro, claro.